

Apresentação

Ecoss da pandemia: a Educação Física e as crises de nosso tempo...

RESUMO:

O texto pretende apresentar a concepção e a importância da temática central desta sessão, que se propõe a aglutinar contribuições de diferentes pesquisadores, por ocasião do 40º Simpósio Nacional de Educação Física, realizado pela ESEF/UFPEL (Pelotas, 2021). Com o título *Ecoss da Pandemia: a Educação Física e as crises do nosso tempo*, a Seção Temática propõe-se a uma reflexão dialógica, colaborativa e crítica sobre a conjuntura contemporânea, marcada por uma situação quase inimaginável há até pouco tempo: uma pandemia global, que já ceifou milhões de vida, uma guerra entre nações na Europa, que igualmente sacrifica vidas cotidianamente, e um cenário político absurdo na realidade brasileira. Desse quadro, emerge com ainda maior importância a produção de uma noção orgânica e radical de utopia.

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia; Educação física; Utopia

Ricardo Rezer

Doutor em Educação Física (UFSC),
Docente da ESEF/UFPEL, Pelotas/RS, Brasil
rrezer@ufpel.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-2664-9292>

Mariângela da Rosa Afonso

Doutora em Educação (UFRGS)
Docente da ESEF/UFPEL, Pelotas/RS, Brasil
mrafonso.ufpel@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-8853-719X>

Inácio Crochemore-Silva

Doutor em Epidemiologia (UFPEL),
Docente da ESEF/UFPEL, Pelotas/RS, Brasil
inacio_cms@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0001-5390-8360>

Editores associados dessa Seção Temática

Echoes of the pandemic: Physical Education and the crises of our time...

ABSTRACT

The text intends to present the conception and importance of this session's main theme, which aims to bring together contributions from different researchers, on the occasion of the 40th National Symposium on Physical Education, held by ESEF/UFPEL (Pelotas, 2021). With the title *Echoes of the Pandemic: Physical Education and the crises of our time*, the Thematic Section proposes a dialogic, collaborative and critical reflection on the contemporary conjuncture, marked by a situation almost unimaginable until recently: a pandemic world situation, which has already claimed millions of lives, a war between nations in Europe, also sacrificing lives on a daily basis, and an absurd political scenario in the Brazilian environment. Facing this reality, the production of an organic and radical notion of utopia emerges even more urgently.

KEYWORDS: Pandemic; Physical education; Utopia

Ecos de la pandemia: la Educación Física y las crisis de nuestro tiempo...

RESUMEN

El texto pretende presentar la concepción y la importancia del tema central de esta sesión, que pretende reunir contribuciones de diferentes investigadores, por el motivo del 40° Simposio Nacional de Educación Física, realizado por la ESEF/UFPEL (Pelotas, 2021). Con el título *Ecos de la Pandemia: la Educación Física y las crisis de nuestro tiempo*, la Sección Temática propone una reflexión dialógica, colaborativa y crítica sobre la coyuntura contemporánea, marcada por una situación casi inimaginable hasta hace poco tiempo: una pandemia mundial, que ya se ha cobrado millones de vidas, una guerra entre naciones en Europa, que también sacrifica vidas a diario, y un escenario político absurdo en la realidad brasileña. Desde este marco, la producción de una noción orgánica y radical de utopía emerge aún más urgente.

PALABRAS-CLAVE: Pandemia; Educación física; Utopía

APRESENTAÇÃO

A Seção Temática dessa edição da Motrivivência, intitulada ECOS DA PANDEMIA: A EDUCAÇÃO FÍSICA E AS CRISES DE NOSSO TEMPO..., é fruto do 40º. Simpósio Nacional de Educação Física, realizado pela Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (ESEF/UFPel), no ano de 2021. Ela representa uma intersecção de horizontes, um trabalho realizado a muitas mãos, feito por professoras, professores e estudantes da ESEF/UFPel e de várias universidades brasileiras. Um coletivo que foi se desenhando aos poucos, e também aos poucos, foi criando uma organicidade significativa, o que nos possibilitou que os frutos deste processo pudessem chegar a várias querências, agora na forma de um dossiê temático.

Inicialmente, cabe destacar que um dossiê como este é resultante, em primeiro lugar, das inquietudes do cotidiano, onde nos encontramos imersos em uma conjuntura complexa, dura e perversa que nos testa com ferocidade, especialmente nos últimos anos, em especial, na realidade brasileira. Assim, se por um lado, esta obra coletiva se coloca no horizonte a partir dos problemas do mundo (suas crises), por outro, ela também tem duas outras origens: uma concepção teórica e uma orientação ético-político.

Do ponto de vista de sua concepção teórica, o tema central do dossiê objetiva abordar as repercussões da pandemia no contexto da Educação Física e das crises que enfrentamos na sociedade em geral, movimento que se edifica a partir de duas referências que serviram de inspiração para tal arquitetura. A primeira, do Prof. da Universidade da Calábria (ITA), Nuccio Ordine, se intitula “*Gli uomini non sono isole: i classici ci aiutano a vivere*” (Os homens não são ilhas: os clássicos nos ajudam a viver). E a segunda, do sociólogo português, Prof. Boaventura de Sousa Santos, da Universidade de Coimbra (POR), intitulada “O futuro começa agora: da pandemia à utopia”.

Cada qual a seu modo, representam inspirações para enfrentar os desafios e as crises de nosso tempo. Na primeira obra mencionada, publicada em 2018, portanto, antes da pandemia, Ordine trabalha com a ideia de que a vida em sociedade só tem sentido e possibilidade de existência se conseguirmos viver com os outros e para os outros¹. Na segunda, produzida ao longo da pandemia, publicada em 2020 em Portugal e 2021 no Brasil, Boaventura afirma que, só com uma nova articulação entre os processos políticos e os processos civilizatórios será possível pensar que a humanidade poderá assumir uma posição mais humilde no planeta que habita. Uma humanidade que se habitue a duas ideias básicas: (i) há muito mais vida no planeta do que a vida humana; (ii) a defesa da vida do planeta no seu conjunto é a condição básica para a continuação da vida da humanidade².

Do ponto de vista de sua orientação ético-política, este dossiê representa uma possibilidade de refletir e dialogar sobre a conjuntura contemporânea de nosso tempo. Da mesma forma, representa uma manifestação de solidariedade para com o sofrimento que passamos/estamos passando nestes mais de dois anos que desafiaram a humanidade como um todo. Solidariedade com as vítimas fatais da pandemia, mais de 660.000, só no Brasil. Solidariedade com aqueles e aquelas que ficaram, lutaram, choraram... com aqueles e aquelas que sofreram e continuam sofrendo, que lutam contra a miséria, contra a desesperança, contra o luto, enfim, solidariedade para com todos e todas que sofrem as mazelas que emergiram de um cenário, especialmente na realidade brasileira, gestado em paralelo com o absurdo.

Deste “caldo”, tomando como ponto de partida o campo da Educação Física, surge o tema central que moveu os/as colaboradores/as deste dossiê, bem como, as questões que o fizeram emergir

¹ ORDINE, Nuccio. **Gli uomini non sono isole: i classici ci aiutano a vivere**. Milano: La nave di Teseo, 2018.

² SOUSA SANTOS, Boaventura de. **O futuro começa agora: da pandemia à utopia**. São Paulo: Boitempo, 2021.

como proposta concreta: o que faremos com o que nos aconteceu e vem nos acontecendo desde o início de 2020, que ainda irá provocar desdobramentos significativos (ecos) a curto, médio e longo prazo na ampla esfera social, bem como, nos mais distintos campos do conhecimento? O que isso pode representar para os mais distintos modos de produção da vida na contemporaneidade? Qual o sentido da formação universitária nestes tempos de crise? E no campo da Educação Física? Ou ainda, nestes tempos de crises, Educação Física para quê? Quais os desdobramentos das crises que vivemos para as distintas comunidades científicas do campo da Educação Física?

Perguntas podem se colocar como atitudes heréticas frente ao mundo. Só os deuses não têm dúvidas ou incertezas. Nós, mortais, temos a necessidade de nos entendermos frente a complexidade do mundo, os desafios que nos cercam e as decisões que tomamos. Aliás, talvez, a arte do entendimento represente hoje, um dos maiores desafios para as distintas e diversas sociedades que compõem o planeta. Em tempos de “atirar primeiro e perguntar depois”, de “cancelamentos”, de “pós-verdade”, de “negacionismos” dos mais diversos, de barbárie, de pobreza política, enfrentar os desafios do mundo por meio do diálogo genuíno se tornou algo quase revolucionário.

Assim, em meio a tantas questões, pela circularidade do pensamento e do diálogo, produções como esta podem fazer refletir com radicalidade o sentido da existência humana em tempos tão difíceis. Ou ainda, que nos ajude a enfrentar melhor os absurdos que vemos no cotidiano, a insensibilidade grotesca de discursos e práticas, inclusive e especialmente, em mensagens oficiais do atual (des) governo brasileiro, que banalizam a vida e a morte, que, diante de sua precária condição humana, apostam no caos, na confusão e na miséria como mecanismos de controle e manutenção de poder.

Neste momento, em tempos de mais uma guerra absurda na Ucrânia (em pleno Século XXI), com consequências imprevisíveis a todos e a todas, seguimos no olho do furacão, atentos, firmes e convictos de nossa condição humana, precária, finita, porém, potencialmente capaz de enfrentar suas incompletudes. Em meio a isso, cabe refletir sobre os motivos que nos fizeram avançar tão pouco...

No entanto, mesmo em meio a absurdos dos mais variados, quer seja no âmbito global, quer seja no âmbito nacional, ainda cabe apostar nossas fichas na formação: podemos ser melhores do que somos, há mais mundo do que dele conhecemos, bem como, somos animais sociais (em tese, racionais) que precisam uns dos outros – e temos de aprender a conviver, não tem jeito... Formar para a vida em sociedade e não para a guerra representa nossa arma mais contundente, nossa pena e nossa espada, nossa esperança e nossa possibilidade de viver mais e melhor.

Momentos de crises como os que vivemos e estamos vivendo, permitem evidenciar o melhor e o pior do humano, o que exige ação, mas sobretudo, diálogo, pensamento e reflexão, no sentido de ponderar sobre o que nos acontece, bem como, sobre as melhores decisões a serem tomadas nos mais diversos âmbitos sociais, considerando nossa condição humana, ecológica e planetária.

E esta premissa foi, de distintas formas, enfrentada com profundidade ao longo dos textos do dossiê, contemplando desde distanciamentos e aproximações entre Educação Física e a saúde coletiva, o ambiente escolar e universitário, até a epistemologia da Educação Física e as diferentes faces do negacionismo científico. As abordagens de cada um, de cada uma, as questões formuladas e enfrentadas, bem como, as questões que ficaram em aberto, permitiram refletir com intensidade acerca de uma conjuntura difícil e de um futuro incerto que se encontra em disputa no presente – uma disputa que temos de participar com radicalidade.

Um dossiê como este se funda na utopia... utopia como horizontes compartilhados que permitem pensar para além do que existe, como um movimento em direção aquilo que, se (ainda) não existe, poderia existir (imaginar isso representa uma potência humana que deve ser cultivada, especialmente na universidade).

E aqui não nos referimos a noção de utopia, aos moldes de algumas interpretações da obra de Thomas More (1478-1535). O autor, em sua obra “A utopia”³, escrita em latim, por volta de 1516, descreve uma república imaginária situada em uma ilha também imaginária. Seu objetivo é produzir contrastes com a realidade conflituosa da política europeia renascentista. Possivelmente, a partir da referência de More, a ideia de utopia (palavra por ele cunhada) vem sendo associada a algo ideal, portanto, irrealizável, algo que não poderia ser e/ou existir, pois subentende um “mundo ideal”, algo que os seres humanos não teriam condições de produzir e/ou de manter. Porém, na verdade, ele procurou apresentar um projeto profundamente humanista de transformação social, algo viável, que procura demonstrar ao longo de sua obra.

Nessa lógica, vivemos em um tempo em que se faz necessário retomar a utopia como possibilidade de mundo. Mesmo porque, concordando com Cattani⁴, utopia não se esgota em um conceito ou quadro teórico, pois representa uma complexa constelação de sentidos e projetos derivados de horizontes compartilhados. Lembrando Rouanet⁵, “[...] para autores sérios como Ernst Bloch, Theodor Adorno, Herbert Marcuse e Jürgen Habermas, toda sociedade e todo pensamento que não se deixem guiar pela perspectiva do futuro utópico estão condenados à irrelevância”. Nessa direção, utopia representa nossa capacidade de exploração de novas possibilidades de vida coletiva e individual, postura assentada na recusa do que existe, só pelo fato de que existe, em nome de algo radicalmente melhor pelo qual vale a pena lutar e a que a humanidade tem direito (SOUSA SANTOS, 2012, p. 212)⁶. Portanto, representa a possibilidade criativa que nasce das tensões resultantes do encontro entre o que temos e o que não temos, mas poderíamos ter. Isso alça nossa projeção de mundo para além do imediato e utilitário, algo bem de acordo com o que se espera de uma universidade – em sintonia com Darcy Ribeiro (1986)⁷, não importa que a utopia não se realize, só é preciso haver utopia, pois é ela que nos faz caminhar em direção a algo (acrescentando, “em direção a algo” que precisamos aprender a nos entender enquanto humanidade, por meio do diálogo, especialmente em tempos nos quais o solo comum entre projetos distintos e divergentes parece esfacelado).

Portanto, precisamos de utopias... A Educação Física precisa de utopias... um campo de conhecimento que possibilita compreender o corpo como possibilidade de mundo e o movimento como possibilidade de existência. Portanto, um campo do conhecimento com responsabilidades para com a vida humana, mas principalmente, para com a vida em escala planetária. Ao longo dos textos, esta perspectiva é evidenciada com intensidade admirável sob distintas tonalidades/gradientes que permitiram reflexões profundas sobre o sentido de nosso próprio trabalho neste campo (do ponto de vista científico, ético, estético, político, entre outros).

Ao longo dos textos que compõem este dossiê, sem dúvidas, somos convidados a pensar como lidar com a difícil conjuntura que vivemos no corpo todos os dias, cada qual com suas dores, “sabores” e dissabores. Os desdobramentos do que estamos vivendo serão melhor compreendidos pelo distanciamento histórico, algo que ainda temos dificuldade de construir com maior densidade, tendo em vista que a pandemia e seus impactos nos habita ainda até a medula. E os impactos da

³ MORE, Thomas. **Utopia**. Organização George M. Logan, Robert M. Adams; tradução Jefferson Luiz Camargo, Marcelo Brandão Cipolla – 2ª. Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

⁴ CATTANI, Antonio David. Utopia. In: CATTANI, Antonio David; LAVILLE, Jean-Louis; GAIGER, Luís Inácio; HESPANHA, Pedro (Coord.). **Dicionário internacional da outra economia**. Centro de Estudos Sociais. Coimbra (PORT): Almedina, 2009.

⁵ ROUANET, Paulo Sérgio **O fim das utopias**. Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/sergio-paulo-rouanet-reflete-sobre-fim-dasutopias-460842.html>. Acesso em 16 mai. 2022.

⁶ SOUSA SANTOS, Boaventura de. Utopia. In: **Dicionário das Crises e das Alternativas**. Centro de Estudos Sociais. Coimbra (PORT): Almedina, 2012.

⁷ RIBEIRO, Darcy. **Universidade para quê?** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

pandemia, a morte, o sofrimento, mas também, a solidariedade, a esperança e a força de viver na incerteza não poderão ser esquecidos.

Os ECOS DA PANDEMIA serão sentidos por um longo tempo ainda. Que tantas mortes e sofrimento não tenham sido em vão. Temos de finalmente compreender com radicalidade que a vida em sociedade só tem sentido e possibilidade de existência se conseguirmos viver com os outros e para os outros. Em tempos de polarização política, “politização da ignorância”⁸ e normalização da barbárie e da agressividade como formas “legítimas” de “relações humanas”, o Brasil necessita de um processo de retomada da possibilidade de diálogo na ampla esfera pública, da retomada da razão, da retomada de um horizonte em que os muitos mundos que habitam o Brasil possam conviver com respeito, dignidade e solidariedade. Basta de elogio a barbárie! Basta de dissimulação! Basta de elevar a violência e a agressividade como *modus operandi*! Basta de descaso com a dor e o sofrimento!!!

Precisamos aprofundar a articulação entre processos políticos e processos civilizatórios, especialmente em realidades como a brasileira. Somente assim será possível pensar em rumos melhores para a produção da vida, em um cenário onde a humanidade poderá assumir uma posição mais humilde, tanto nas relações entre si, como para com o planeta que habita (nosso *oikos*, nossa casa).

Dialogar sobre a pandemia é dialogar com a pandemia. E a pandemia, embora o cenário seja muito melhor neste junho de 2022 do que já foi em outros momentos (desde março de 2020), ainda não acabou (inclusive, a circulação do vírus vem aumentando neste período). E isso implica em assumir com radicalidade nossas responsabilidades neste cenário em movimento e incerto. Temos de continuar apostando como princípio básico, na defesa da vida digna, potencializando a solidariedade e a empatia como balizadores dos modos de produção da vida. Sim, os Ecos da pandemia irão perdurar ainda por um longo tempo. Que tenhamos sabedoria e força para lidar com eles...

Fica nosso reconhecimento e agradecimento à revista *Motrivivência*, que apostou em nossa proposta, que nos brindou com possibilidades vivas de acolher e veicular uma produção realizada a muitas mãos. Em meio a tantos afazeres, encararam o desafio proposto com entusiasmo, maestria e cuidado, como é de praxe em sua trajetória histórica.

Por fim, gratidão por estarem conosco. Que tenhamos ainda, muitos dossiês, muitos eventos, enfim, muitos encontros no mundo da vida. Mesmo que a distância, brindemos juntos!!! Brindemos ao conhecimento! Às ciências! Ao SUS! À Escola! A Universidade! Aos professores, professoras e estudantes das mais distintas áreas do saber, em especial, da Educação Física! Enfim, brindemos a amizade e a vida!

Um forte e fraterno abraço a todos e a todas.

Ricardo, Mariângela e Inácio
Pelotas, outono de 2022.

⁸ BÁRBARA, Lenin Bicudo. Da fosfoetanolamina à cloroquina: notas sobre a politização da ignorância. In: GROSSI, Miriam Pillar; TONIOL, Rodrigo. (ORG.). **Cientistas sociais e o coronavírus**. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS - Não se aplica.

FINANCIAMENTO - Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM - Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores consideram não haver conflitos de interesses.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no Portal de Periódicos UFSC (periódicos.ufsc.br). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos Editores ou da Universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITORES ASSOCIADOS DA SEÇÃO TEMÁTICA

Ricardo Rezer, Mariângela da Rosa Afonso, Inácio Crochemore

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Juliana Rosário; Maria Vitória de Paula Duarte; Keli Barreto Santos.

HISTÓRICO

Encaminhado pelos Editores Associados em 31 de maio de 2022.